

O CULTO DOS EXCLUÍDOS

Cláudio Patrício Souza Gemaque¹

Vanessa Marcela de Sousa Rodrigues²

RESUMO

Este artigo tentará explicar a razão pela qual as religiões afro-brasileiras são os cultos mais procurados por negros, pobres e homossexuais, com ênfase no que diz respeito à inserção da classe GLBT na sociedade através de sua inclusão nas religiões de raízes africanas, assim como são chamadas o Candomblé, a Umbanda e Gêge, dentre outras. O objetivo é entender o que atrai grupos excluídos da sociedade para esses terreiros de culto a deuses africanos, os orixás, como são mais conhecidos em nosso país, esses seres que representam cada um a força da natureza e seus elementos, e sua influência sobre a vida humana.

Palavras-chave: Homossexualismo, candomblé, preconceito.

ABSTRACT

This article tried to explain the reason why as african brazilian religions are cults more for wanted black , poor and homosexuals , with emphasis not what is about GLBT class insertion in through inclusion society in your roots of african religions , as so are called candomblé , umbanda and gege , among other . The purpose and understand what attracts the company excluded groups to cult yards sos the african gods , deities os, how are popularity in our country, beings sos representing each hum nature of force and its elements is his influence on human life

Keywords: Homosexuality, Candomblé, prejudice.

1 INTRODUÇÃO

O tema escolhido para este artigo surgiu a partir observações percebidas por mim e por minha amiga e colega de turma, vivenciados em terreiros na cidade de

¹ Acadêmico do Curso de História e Geografia da Universidade Federal do Oeste do Pará.

² Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Oeste do Pará.

Santarém, onde foi possível perceber o grande número de homoafetivos que frequentavam ou eram adeptos dos cultos afro-brasileiros.

Assim, diante da liberdade concedida pela nossa discente, no que diz respeito a escolha do tema, já sabíamos qual seria o nosso e, mediante a isso, partimos para a pesquisa bibliográfica e entrevista a um pai de Santo local para sabermos sua opinião sobre o tema abordado.

Como metodologia, utilizamos uma pesquisa bibliográfica, sendo esta realizada através da internet uma vez que o acervo em livros, voltado ao tema abordado, na cidade de Santarém, é escassa. Efetivamos também, uma conversa com um Babalorixá (pai de santo) sobre o assunto e, nós como frequentadores de terreiros também pude falar um pouco do que vejo e observo nesses espaços sagrados e poucos respeitados. Assim, surge a questão “Porque estas pessoas de orientação sexual diferente buscam estes cultos”?

2 DESENVOLVIMENTO

Em um país da imensidão do Brasil, onde as diferenças começam no ventre de nossas mães, com diferenças sociais, étnicas e religiosas, é dentro do contexto religioso que mais uma vez, uma parcela da população é colocada de lado.

Enquanto outras religiões tentam mudar a natureza e a maneira de viver de seus fieis, outras como o Candomblé, abraçam seus filhos de fé, e aceitam a individualidade, o único dever de um *Yawo* (filho de santo iniciado no Candomblé ou na Umbanda) é para com seu orixá e seus guias, sua vida pessoal não importa para os demais irmãos de santo, mas, o filho deve ter um comportamento respeitável, pois fazendo parte de uma família de santo, o *Yawo*, deve honrar esta família e seu pai ou mãe de santo.

As religiões afro-brasileiras desde a escravidão comportam os excluídos, os que eram os negros escravos e mais tarde com a abolição da escravatura os negros pobres sem trabalho, moradores das periferias e dos morros. Com o tempo essa realidade nos terreiros mudou. Não existem negros pobres e analfabetos, hoje em dia, os praticantes de tais religiões tem outro grau de escolaridade, muitos em universidades ou, mesmo, graduados. Existem brancos praticantes, portanto, uma rica mistura étnica.

Infelizmente as religiões afro-brasileiras ainda são motivo de muito preconceito por parte da sociedade, tendo por grande parte de culpa nesse preconceito as igrejas evangélicas, que demonizam os cultos afros. Um dos motivos dessa demonização é a grande quantidade de homossexuais que fazem parte das religiões afrodescendentes.

O *site* da Wikipédia que trata sobre o assunto Candomblé traz em seu desenvolvimento sobre a homossexualidade existente na maioria das religiões, argumentando que:

A homossexualidade está presente na maioria das religiões, porém oculta, indiscutivelmente abafada e muitas vezes negada pelos ditos ex-homossexuais. No candomblé, a homossexualidade é amplamente aceita e discutida nos dias atuais, mas já teve um período que homens e homossexuais não podiam ser iniciados como rodantes (termo usado para pessoas que entram em transe), não era permitido em festas que um homem dançasse na roda de candomblé mesmo que estivesse em transe. O mais famoso e revolucionário homossexual do candomblé foi sem dúvida Joãozinho da Goméia, que afrontou as matriarcas e ocupou seu espaço tornando-se conhecido internacionalmente. Tiveram muitos outros, mas nenhum conseguiu suplantá-lo em ousadia e popularidade (WIKIPÉDIA, s/d, p. 01).

O professor Sênior do Departamento de Sociologia da USP e pesquisador do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) Reginaldo Prandi, em uma matéria intitulada “Candomblé: uma religião para os excluídos”, apresentada por Manuela (2008), assegura que o homossexual, sobretudo o homem, sempre foi obrigado a publicizar a sua intimidade como único meio de encontrar parceria sexual, e, ao publicizar sua intimidade, obrigava-se a desempenhar um papel social que não pusesse em risco a sua busca de parceiro, isto é, que não pusesse em risco o parceiro potencial, um papel que o mostrava como o de fora, o diferente, o não incluído, mas que ainda assim não chegava a oferecer qualquer risco de “contaminação” do parceiro, que para efeito público não chegava nunca a mudar de papel sexual.

Reginaldo Prandi complementa seu pensamento argumentando ainda que sua diferença o obrigou a desenvolver padrões de conduta que o identificasse facilmente: para ser homossexual era preciso mostrar-se homossexual. Pois, nenhuma instituição social no Brasil, afora o candomblé, jamais aceitou o homossexual como uma categoria que não precisa necessariamente esconder-se, anulando-o enquanto tal. Só com os movimentos gay de origem norte-americana, a

partir dos anos 60, é que se buscou quebrar a ideia de que o homossexual tinha que “parecer” diferente, num jogo que valorizou a semelhança e que, talvez, tenha dado suporte para a guetificação e “formação demográfica” dos hoje denominados “grupos de risco” da AIDS.

Esta aceitação de um grupo tão problemático para outras instituições, religiosas ou não, também demonstra a aceitação que o candomblé tem deste mundo, mesmo quando, no extremo, trata-se do mundo da rua, do cais do porto, dos meretrícios e portas de cadeia.

Grandíssima e exemplar é a capacidade do candomblé de juntar os santos aos pecadores, o maculado ao limpo, o feio ao bonito. Se concordarmos que as maiores concentrações relativas de homossexuais e bissexuais ocorrem nas grandes cidades, onde podem refugiar-se no anonimato e na indiferença que os grandes centros oferecem (além de oferecerem locais e instituições de publicitação, que na cidade grande podem funcionar como espaços fechados, isto é, públicos, porém privatizados), encontramos uma razão a mais para o sucesso do candomblé em São Paulo - a possibilidade de fazer parte de um grupo religioso, isto é, voltado para o exercício da fé, mas que ao mesmo tempo é lúdico, reforçador da personalidade, capaz de aproveitar os talentos estéticos individuais e, por que não?, um nada desprezível meio de mobilidade social e acumulação de prestígio, coisas muito pouco ou nada acessíveis aos homossexuais em nossa sociedade. Ainda mais quando se é pobre, pardo, migrante, pouco escolarizado. O candomblé é assim, de fato, uma religião apetrechada para oferecer estratégias de vida que as ciências sociais jamais imaginaram.

Esta relação entre sacerdócio e homossexualidade não é prerrogativa nem do candomblé e nem de nossa civilização.

Mas, o que faz do candomblé uma religião tão singular é o fato de que todos os seus adeptos devem exercer necessariamente algum tipo de cargo sacerdotal. E qualquer que seja o cargo sacerdotal ocupado, ninguém precisa esconder ou disfarçar suas preferências sexuais. Ao contrário, pode até usar o cargo para legitimar a preferência, como se usa o orixá para explicar a diferença.

Pesquisa Datafolha realizada com participantes da Parada do Orgulho Gay de São Paulo em 2005 revela que do total dos entrevistados (gays, lésbicas e bissexuais), 77% pertenciam ao sexo masculino, sendo que brancos e pardos eram 89% e apenas 6% eram negros, ao que diz respeito a religião 36% eram católicos;

19% espíritas; 18% sem religião; 4% evangélicos pentecostais; 3% umbandistas e 3% adeptos do candomblé e outras religiões afro-brasileiras. Levando em conta a limitação de qualquer pesquisa dessa natureza, não questionando o método de pesquisa do Datafolha, uma vez que os adeptos das religiões afro-brasileiras omitem sua religião e se dizem apenas católicos ou espíritas a fim de burlar o preconceito no trabalho, na família, na escola ou universidade, e outros setores da sociedade. (SANTOS, 2007)

Já pesquisa realizada com 600 participantes da 9ª Parada do Orgulho GLBT-Rio 2004 (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros) mostrou que o número de católicos decresce para 26% e dos evangélicos, para 5,2%. Porém, o número de espíritas e dos frequentadores do candomblé ou da umbanda tende a aumentar, chegando a 12,7%, no primeiro caso, e a 10,2%, no segundo. Do total de entrevistados da Parada carioca, 43% se declaram “sem religião”, conforme aponta o antropólogo Sérgio Carrara (2005 apud SANTOS, 2007).

Segundo dados do censo de 2010 do IBGE, o número de adeptos do catolicismo tem caído desde os anos 1990 no Brasil, apesar de a religião ainda ter 64,6% da preferência da população (tinha 73,6% no levantamento anterior, de 2000). Em contrapartida, religiões evangélicas estão em ascensão, com 22,2% da população, antes possuíam 15,4%. As religiões de matriz africana somam apenas 0,3% da população brasileira (IGLÉCIO, 2014).

RELIGIÃO CENSO 2010 - ESTATÍSTICAS OFICIAIS DO IBGE									
RELIGIOSIDADE	Católicos	Evangélicos	%	Sem Religião	Outras	Espíritas	Afros	SOMA	@Estados
Rondônia	742.950	528.150	35,0	224.111	-	8.905	735	1.504.851	1.562.409
Acre	381.007	239.589	33,6	87.364	-	4.190		712.150	733.559
Espírito Santo	1.873.280	1.164.242	33,0	364.469	80.537	36.593	3.558	3.522.679	3.514.952
Roraima	221.379	136.480	32,4	58.480	-	4.084	455	420.878	450.479
Amazonas	2.071.453	1.085.480	32,1	209.952	-	14.800	1.677	3.383.362	3.483.985
Rio de Janeiro	7.324.315	4.696.906	29,2	2.493.704	746.802	647.572	141.783	16.051.082	15.989.929
Amapá	425.459	187.163	28,6	38.787	-	2.781	555	654.745	669.526
Distrito Federal	1.455.134	690.982	26,7	236.528	106.843	89.836	5.775	2.585.098	2.570.160
Pará	4.828.198	2.026.332	26,7	528.547	173.162	33.924	5.132	7.595.295	7.581.051
Mato Grosso do Sul	1.455.323	648.831	26,4	225.574	77.693	46.610	3.695	2.457.936	2.449.024
Mato Grosso	1.925.472	745.178	24,5	234.214	96.822	38.044	1.720	3.041.450	3.035.122
São Paulo	24.781.288	9.937.853	23,9	3.357.862	1.905.889	1.353.193	141.553	41.477.638	41.262.199
Goiás	3.535.980	1.685.680	23,5	486.914	160.992	147.740	4.327	6.021.633	6.003.788
Tocantins	944.467	318.776	23,5	82.307	-	8.940	82	1.354.572	1.383.445
Paraná	7.268.935	2.316.213	22,1	485.086	295.388	108.805	8.949	10.483.376	10.444.526
Pernambuco	5.801.397	1.788.973	20,3	914.954	167.473	123.798	10.830	8.807.425	8.796.448
Minas Gerais	13.802.790	3.957.520	20,1	986.626	464.122	419.094	17.451	19.647.603	19.597.330
Santa Catarina	4.565.793	1.252.495	20,0	204.421	127.940	98.973	10.083	6.259.705	6.248.436
Rio Grande do Sul	7.359.675	1.959.088	18,2	631.128	284.227	343.784	157.599	10.735.501	10.693.929
Bahia	9.158.613	2.440.925	17,4	1.688.785	544.843	157.777	47.069	14.038.012	14.016.906
Maranhão	4.899.250	1.130.399	17,2	431.148	102.532	12.505	4.369	6.580.203	6.574.789
Alagoas	2.256.919	496.472	16,1	302.209	-	17.066	2.397	3.075.063	3.120.494
Rio Grande do Norte	2.406.313	487.948	15,4	203.055	47.286	24.826	1.417	3.170.845	3.168.027
Paraíba	2.898.656	571.015	15,1	213.214	57.975	23.175	2.420	3.766.455	3.766.528
Ceará	6.663.512	1.236.435	14,6	361.819	145.033	46.756	8.624	8.462.179	8.452.381
Sergipe	1.579.480	243.330	12,0	177.620	-	22.266	4.371	2.027.067	2.068.017
Piauí	2.653.135	302.982	9,7	106.722	47.007	9.840	1.915	3.121.601	3.118.360
TOTAIS	123.280.173	42.275.437	22,1	15.335.810	5.632.566	3.845.877	588.541	190.958.404	190.755.799

Tabela de João Cruzé

Mapa Religioso Oficial do Brasil – Censo IBGE 2010
 Fonte: Cruzé, 2013

Diante de dados que mostram que as religiões Afro-brasileiras, não passam de 0,3%, e que demonstra o crescimento dos evangélicos no Brasil, se não houver políticas públicas e leis mais rigorosas que protejam a liberdade religiosa de grupos minoritários como o Candomblé, é possível que estes grupos religiosos sofram retaliações da igreja evangélica, a principal perseguidora das religiões de raízes africanas, haja vista que ela condena o modo de cultuar vários deuses, é a responsável por disseminação da homofobia na nossa sociedade. O homossexual frequente em muitas vezes a igreja católica e cultos afro, mas nunca uma igreja evangélica por livre vontade, muitas das vezes o meio que vive o obriga a frequentar e se converter de tanto ouvir na voz do pastor que o homoafetivo não entra no céu, isso explica em alguns casos a entrada do homossexual ao candomblé ou na umbanda. A igreja católica convive pacificamente com estes cultos, mas a evangélica não, são a água e o óleo que nunca se misturam.

O professor do Departamento de Antropologia/UFBA, Jocélio Teles dos Santos em suas pesquisas descreve que o Candomblé, como hoje conhecemos, a sua estrutura religiosa, os espaços para rituais privados ou públicos aos orixás, inkices e voduns, existe desde o início do século XIX. Esta afirmação repousa nos

documentos históricos da famigerada repressão policial, assim como se revela nos depoimentos de pais e mães de santo dos terreiros fundados na segunda metade do século XIX. Já havia naquela época, registro de presença de homossexuais nos terreiros (SANTOS, 2002).

Fazendo um balanço da produção teórica nas ciências sociais, Santos (2002, p. 01) apresenta os seguintes argumentos sobre o homossexualismo no candomblé:

1) Ao contrário do que Ruth Landes (etnóloga americana radicada no Brasil) afirmava, a presença de homossexuais se verifica tanto em terreiros de Ketu, Angola, Caboclo, Gêge; 2) Contrariamente ao que Ruth Landes e Lorand Matory pesquisador norte-americano, pensavam, o homossexualismo não se manifesta exclusivamente em lideranças masculinas; 3) O candomblé não inventou o homossexualismo no Brasil. O homossexualismo como demonstra Luiz Mott, é anterior à existência dos candomblés; 4) O que o candomblé fez, foi criar modos e formas de o desejo homossexual manifestar-se, realizar-se e existir, pois a mitologia cria essas possibilidades; 5) Se os terreiros absorvem homossexuais, significa dizer, também, que os homossexuais visualizam os candomblés como espaço de poder, que lhes possibilita ser reconhecidos socialmente, terem a possibilidade de vir a ser líder de uma comunidade, terem proximidade e relações com personalidade do poder público, ou de recrutarem como ogãs ou ekédís antropólogos, médicos, advogados, artistas, psicólogos. Enfim, como todo espaço do mundo social, os terreiros, mesmo nas suas especificidades religiosas, são organizações feitas por humanos e aspiradas das mais variadas formas, por desejos, gélidos ou cálidos, mas humanos.

Agora imagina-se três ícones do preconceito juntos lutando pelos os mesmos direitos básicos do ser humano. O negro, vítima a séculos de racismo; o homossexual, vítima de preconceito e a religião de raízes africanas vítima da intolerância religiosa, claro que essa junção só poderia gerar o ódio ainda maior contra essas três classes. O negro lutando por manter vivas suas tradições, cultura e religião. O homossexual luta pela aceitação dentro de uma sociedade, e por meio da religião ele é inserido numa comunidade e assim fazendo parte de algo maior, um grupo, uma família.

O Babalorixá Oloomiaye ty Yemoja, Netto Martins, em uma breve entrevista para nossa pesquisa diz que o candomblé é uma religião que não discrimina a orientação sexual, diante de nossos Deuses africanos somos todos iguais independente da sexualidade, é uma religião aberta a todas as classes sociais. Observando sempre os mais oprimidos e sem recursos, aceita a todas as nossas doutrinas baseadas na fé de uma minoria, é vindoura da credence dos costumes e do que foi herdado pela miscigenação da população brasileira, onde a matriz negra e com a mistura do índio, do branco, fez com que houvesse o preconceito contra

nosso culto. Ele ainda afirma que o a religião não tolera a libertinagem dentre outras formas de banalização quanto a orientação sexual... Mas a liberdade sexual cabe a cada um... Respeitando seus limites e os outros, não somos a favor do que se refere a ferir a moral tradicional. Orientamos para que a conduta de cada adepto seja condizente com o meio em que vive.

“Enfatizo. Para os deuses africanos somos todos iguais. A homossexualidade não é um fator discriminatório e sim atos que possam ferir a boa conduta e a moral” (MARTINS, Netto; Babalorixá).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste artigo percebeu-se alguns motivos que levam um homossexual, negro ou pobre, a buscar as religiões afro-brasileiras, qual contexto histórico por trás dessa escolha, a necessidade desses seres humanos serem inseridos na sociedade, mesmo assim ainda são motivo de discriminação diante de sua orientação sexual, cor ou religião.

Os cultos ou religiões afro-brasileiros não impõe aos seus filhos uma salvação mediante sua redenção total dos pecados ou pagamentos de dízimos, seus fieis são aceitos da maneira que são, não importando etnia, orientação sexual e condição socioeconômica.

O homossexual em particular se sente parte de uma família e membro importante da mesma, em alguns casos a única que lhe resta, pois sua família carnal o expulsara de casa por ser homoafetivo e o terreiro neste momento torna se a sua casa. E isso não se encaixa somente ao “gay” também outros filhos com problemas em suas residências acham nas casas de axé, o carinho e atenção que falta em suas moradias.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZUÉ, João. **Mapa religioso do Brasil Censo 2010**. 2013. Disponível em <http://trajandocidadania.blogspot.com.br/2013/09/ibge-mapa-religioso-do-brasil-censo-2010.html>. Acesso em 02 de Janeiro de 2015.

IGLÉCIO, Patrícia. **Por liberdade religiosa, cultos afro lutam contra o preconceito em vários níveis**. 2014. Disponível em

<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/09/intolerancia-religiosa-582.html>. Acesso em 02 de Janeiro de 2015.

MANUELA. **Candomblé**: uma religião para os excluídos. 2008. Disponível em <http://ocandomble.wordpress.com/2008/11/02/candomble-uma-religiao-para-os-excluidos/>. Acesso em 05 de Novembro de 2014.

MARTINS, Netto. Entrevista realizada em 04 de Janeiro de 2015 às 18:30h.

SANTOS, Milton Silva dos. **Tradição e tabu**: um estudo sobre gênero e sexualidade nas religiões afro-brasileiras. 2007. 116 fls. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2007. Disponível em http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/8/TDE-2008-01-11T09:42:25Z-4754/Publico/Milton%20Silva%20dos%20Santos.pdf. Acesso em 05 de Novembro de 2014.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **Homossexualidade e candomblé**. 2002. Disponível em <http://www.midiaindependente.org/pt/red/2002/12/43316.shtml>. Acesso em 05 de Novembro de 2014.

WIKIPÉDIA. **Candomblé**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Candombl%C3%A9>. Acesso em 02 de Janeiro de 2015.